

ISSN 3086-6618

PROUST MAGAZINE

LITERATURA • MEMÓRIA • REFLEXÃO



Vol. 1 No. 3 (set/2026)

RESGATANDO TEMPO, CONSTRUINDO LEGADO.
CONTOS, POEMAS E MEMÓRIAS SELECIONADOS DO PÚBLICO.



PROUST.EDITORIA



WWW.PROUSTMAGAZINE.ORG



@PROUST.EDITORIA

EXPEDIENTE

Vol. 1. No. 3 (set/2026)

ISSN 3086-6618

Periodicidade: Mensal

DIREÇÃO EDITORIAL

Editor-Chefe: *Youssef Bouguerra*

CONSELHO EDITORIAL

Myriam Abdelmoula · Sofia de Mello Pimentel Bouguerra

PRODUÇÃO E DESIGN

Projeto Gráfico e Diagramação: *Youssef Bouguerra*

Revisão de Texto: *Youssef Bouguerra* e Autores

CONTATO

www.proustmagazine.org · editor@proustmagazine.org

Instagram: [@proust.editora](https://www.instagram.com/proust.editora)

APOIO

A Proust Magazine agradece a Diego P. Santos e a Maria Rosello, primeiros apoiadores mensais do projeto, por contribuírem para a continuidade de uma revista literária independente.

O apoio não interfere na leitura, na seleção ou na publicação dos textos.

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

Esta edição conta com artes visuais desenvolvidas com o auxílio de IA.

Editorial

Certos objetos permanecem muito depois de terem perdido sua função original: uma cadeira que ninguém ocupa; um casaco que não aquece mais o corpo de quem o vestiu; uma fotografia sobre a estante; uma receita preparada do mesmo modo durante tantos anos; um livro antigo, atravessado por sublinhados, datas, bilhetes, manchas e uma flor esquecida entre as páginas.

A memória humana é frágil. Esquecemos rostos, confundimos datas, modificamos histórias quando as contamos. Os objetos, por sua vez, guardam outra espécie de memória: eles não sabem explicar o que aconteceu, não conhecem sequer a importância daquilo que conservaram — mesmo assim, permanecem.

Talvez por isso seja tão difícil desfazer-nos de certas coisas. Sabemos que uma cadeira é apenas madeira, que uma fotografia é papel, que um livro poderia ser substituído por outro exemplar.

Ainda assim, hesitamos, porque há momentos em que o valor de um objeto deixa de estar no objeto. Ele passa a conter uma presença.

Uma revista literária é também um objeto dessa natureza. Estas páginas reúnem contos, poemas e memórias que chegaram até nós separadamente. Agora dividem o mesmo espaço. Daqui a algum tempo, este exemplar poderá estar numa estante, numa caixa, numa biblioteca ou nas mãos de alguém que ainda não conhecemos. Talvez receba uma anotação. Talvez uma página seja dobrada, ou talvez o exemplar permaneça fechado durante anos até que outra pessoa o encontre.

Não podemos decidir o que o tempo conservará. Podemos apenas deixar algumas coisas em seu caminho. E publicar literatura é exatamente isso: dar matéria ao que, de outro modo, poderia desaparecer.

Fragmentos

Editorial	4
O elefante	8
Engarrafamento	10
O churrasco.....	11
Labuta.....	13
A cadeira que ninguém ocupava	17
Depois do nevoeiro.....	22
A margem	31
A caravana, os cães, os lobos e as hienas.....	34
A resistência	37
Dicionário singular.....	44
Minha vizinha.....	47
A gramática da queda.....	50
A boneca.....	55
Eu tenho a crença de que.....	58
O pacto	60
Palavras	63
Alegria	64
Volta para casa	67
Tríptico loucura	70
Poemas concretos.....	76
O guarda-livros	78

Segunda mão	82
Transeunte.....	87
E-go away	89
Sentidos aguçados	91
Vida dupla.....	94



*Acacio
Barros*

O elefante

O elefante de pelúcia

sumiu

Levantamos almofadas

arrastamos sofás

Embaixo da cama

o achado:

um leão de plástico

empoeirado.

Minha mãe sugere:

“Essa criança

chora todos os dias.

Vocês já pensaram

num exorcismo?”

Minha esposa

me olha enviesada.

Minha mãe confirma:

“O padre é vizinho.”

De minha mãe
ficaram histórias.
Conto uma
à minha filha
“Peraí! Exorcismo?”
Gargalhamos,
seus óculos quase caindo.

Passo pela foto de minha mãe.

Engarrafamento

Luzes vermelhas

piscam adiante

Faixas se juntam

Pescoços se torcem

No acostamento da ponte

policiais se escoram no muro

olhando pra baixo

Meu estômago aperta —

Um carro

íntacto

vazio

O churrasco

O sol assa a areia

Picanha, linguiça

farofa e sal grosso

O vegetariano protesta

A gordura queimada

defuma os cabelos

As narinas entopem

com fuligem negra

A barriga estufa

com carne e geladas

O bafo anuncia a ressaca

A areia se instala

nas entranhas

O banheiro é o mar

As conversas rugem

altas e banais

O churrasco na praia

não é romântico

O churrasco acaba —

Alguns se vão

outros ficam

Uma saideira

E o que era sol

agora é noite

E o que era folia

agora é sossego

E o que era areia

agora é fogueira

E o que era brisa

agora é arrepio

O que era roda

agora é dupla

O que era olhar desviado

agora é toque

O que era praia

agora — estrelas.

Labuta

Como começar um poema?

Com um suspiro

Um poema inspira

tensiona, solta

e depois expira

em pulso sonoro

Então

como termina

o primeiro verso?

Um verso é múltiplo:

um membro ou um nervo

uma junta ou um osso

Como acabar?

Com um ponto fatal?

Talvez uma vírgula,

insinuando fluxo

ou um travessão —

congestão?

Ou uma melindrosa

exclamação!

Uma cabeça vazia

pretendendo ser cheia

Como terminar um verso?!

Quiçá sem pontuação

sem fim nem pausa

sem pensamento completo

sem sentido ou esperança

sem final ilação

só mais uma ilusão

Como finalizar um poema

um verso ou uma vida?

Com um

derradeiro

sus



Acacio Barros é filósofo e físico. Escreve poesia em português e inglês. Vive na Califórnia.



Ana Martins

A cadeira que ninguém ocupava

Na casa da minha avó havia uma cadeira em que ninguém se sentava.

Não havia placa, aviso ou proibição. Ainda assim, todos sabiam.

Crianças aprendem certas regras familiares antes mesmo de compreender por que elas existem.

Eu também aprendi.

A cadeira ficava perto da janela, ligeiramente afastada da mesa. Minha avó a puxava para varrer o chão, passava um pano no assento e depois a devolvia exatamente ao mesmo lugar.

Um dia perguntei:

— Vó, por que ninguém senta aí?

Ela continuou dobrando o pano de prato antes de responder.

— Porque é a cadeira do seu avô.

Olhei para a cadeira.

Depois para ela.

Meu avô já tinha morrido havia três anos.

Foi provavelmente a primeira vez que percebi que a ausência também podia ter endereço.

Depois daquela pergunta, comecei a prestar mais atenção.

Crianças fazem isso quando descobrem que alguma coisa guarda um segredo. Passam a observá-la como quem espera que, em algum momento, ela se distraia e revele o que sabe.

Minha avó não falava muito sobre meu avô.

Também não evitava falar.

Ele simplesmente continuava aparecendo nas frases.

— Seu avô gostava de café forte.

— Seu avô não suportava tomate na salada.

— Seu avô teria reclamado desse calor.

Era curioso.

Ele não estava mais na casa, mas continuava opinando sobre ela.

Eu imaginava que os mortos talvez fossem assim: pessoas que deixavam de existir no corpo, mas permaneciam dando pequenos palpites na vida dos outros.

Minha avó acordava cedo.

Antes que eu levantasse, já era possível ouvir o barulho das coisas acontecendo na cozinha. A água correndo na pia. A porta do armário. As xícaras encostando umas nas outras. A colher batendo na borda da panela.

E havia o café.

Sempre o café.

Ela preparava apenas uma xícara.

Isso me intrigava.

Se a cadeira continuava sendo dele, por que não havia café para ele?

Nunca perguntei.

Talvez alguma parte de mim já começasse a entender que

existem perguntas que as crianças percebem que não devem fazer.

Depois do café, ela abria as janelas.

Sacudia as toalhas.

Regava as plantas.

Como se a casa possuísse uma memória própria e fosse importante não confundi-la.

Um dia, enquanto minha avó varria, sentei-me nela.

Não por desafio.

Por distração.

Eu devia ter uns sete ou oito anos e estava cansada de esperar o bolo que assava no forno.

Sentei.

Minha avó olhou.

Não brigou.

Não pediu que eu levantasse.

Só parou por alguns segundos com a vassoura nas mãos.

Foi o suficiente.

Levantei imediatamente.

— Desculpa, vô.

Ela pareceu surpresa.

— Pelo quê?

Aponte para a cadeira.

Minha avó olhou para ela e depois para mim.

— Pode sentar.

Mas eu não senti.

E ela também não.

Havia outras coisas dele pela casa.

Uma fotografia na estante.

Um relógio que já não funcionava.

Uma caixa pequena onde minha avó guardava documentos, algumas moedas antigas e uma caneta.

No guarda-roupa ainda havia um casaco.

Esse me intrigava mais do que todo o resto.

A cadeira podia permanecer porque era um móvel.

A fotografia porque fotografias existiam justamente para isso.

Mas o casaco me parecia diferente.

Roupas tinham o formato de quem as vestia.

Mesmo vazias, pareciam esperar um corpo.

Certa vez enfiei a mão no bolso.

Não encontrei nada.

Ainda assim, tive a estranha sensação de estar mexendo onde não devia.

Retirei a mão depressa.

Talvez tenha sido naquela época que comecei a perceber que os adultos não guardavam apenas objetos.

Guardavam gestos.

Minha avó ainda preparava uma receita do jeito que ele gostava.

E todos os anos, no aniversário dele, fazia pudim.

Isso eu nunca entendi.

— Mas ele não vai comer — disse uma vez.

Minha avó riu.

Não foi uma risada triste.

Também não foi alegre.

Foi uma dessas risadas que só muitos anos depois aprendemos a reconhecer.

— Eu sei.

— Então por que faz?

Ela despejou a calda na forma e respondeu:

— Porque eu gosto.

Durante muito tempo acreditei nela.

Hoje não tenho tanta certeza.



Ana Laura Martins é formada em Letras, psicanalista com atuação em terapia de casal na perspectiva psicanalítica, com formação complementar em neurociência e psicologia positiva. Atualmente é estudante de Psicologia e escritora, dedicada à investigação das relações, da subjetividade e da escrita de si.

Talvez ela realmente gostasse.

Talvez amar alguém por muitos anos faça isso conosco: já não sabemos exatamente quais hábitos eram nossos e quais aprendemos com o outro.

Talvez aquele pudim fosse dos dois.

Naquela noite, comemos uma fatia cada uma.

A cadeira permaneceu vazia.

E foi ali que comecei a desconfiar de uma coisa que levaria muitos anos para compreender:

algumas pessoas vão embora sem levar consigo o lugar que ocupavam.



Antonio S.
Batista

Depois do nevoeiro

Três livros estavam sobre minha escrivaninha para eu resenhar, além do computador IBM, do celular Nokia com antena e de um bloco de notas. Eu não tinha nenhuma inspiração, nenhuma vontade de trabalhar. Permaneci sentada com os cotovelos apoiados na mesa e as mãos na cabeça, numa atitude de desespero. Vencendo o estupor, desliguei o computador, levantei-me e fui até a janela. Olhei para fora, refletindo por alguns segundos. Depois peguei as chaves e a bolsa, deixei o celular para trás, tranquei a porta do apartamento, desci as escadas, entrei no carro e parti sem rumo.

O nevoeiro formava gotículas no para-brisa, e a dor na alma provocava lágrimas em meu rosto. Era a mágoa pela difamação que sofri, as mentiras sobre minha honra. Meu casamento, que já estava com a estrutura abalada, acabou desabando. Perdi o emprego porque ninguém mais acreditou em mim, no meu trabalho. Descobriram defeitos que antes eu não

tinha. Classificaram-me como uma fraude; alguém disse que 80% do meu currículo era falso. Tudo isso me deixou atordoadas, com uma dor na boca do estômago.

Naquela manhã de névoa fria, meu velho Corsa falhou exatamente no meio da ponte. Parou, faleceu. Desisti de girar a chave e pisar no acelerador. Desci e me debrucei na mureta, olhei o rio de águas profundas e negras que, eu sabia, estava lá embaixo, embora não o enxergasse direito por causa da neblina. Desejar morrer é uma coisa, se matar é outra. Naquele momento, recordei meu passado, minha infância e adolescência em Capim Queimado, no interior da Bahia. Nossa casa era de madeira velha, com assoalho carcomido pelos cupins, uma casa sem luz e água corrente. O colégio ficava distante, mas nunca faltei às aulas. Aprendi a ler e a escrever por insistência de meu pai. Ele queria que eu tivesse a instrução que ele não teve. Levou-me a

fazer curso no ProUni e, mais tarde, consegui uma bolsa de estudos. Fiz faculdade de Letras e Ciências Humanas e ainda outros cursos, especializando-me em literatura e língua inglesa. Eu poderia estar bem, ter uma vida glamourosa com tanto conhecimento, mas não tive vontade de ser mais do que apenas uma professora de literatura e uma colunista fazendo resenha crítica de prosa ficcional para uma revista de variedades. É claro que não sou uma pessoa perfeita. Henrique muitas vezes brigou comigo por causa do cartão de crédito. Reconheci que não era normal fazer compras toda semana sem necessidade. Até fiz terapia para acabar com a compulsão por compras.

Voltando àquela manhã, eu estava lá, na beira da ponte, o nevoeiro me abraçando carinhosamente com seus dedos úmidos e gelados, quando ouvi uma voz atrás de mim.

— Senhora? Pode me ajudar?

Olhei para trás e vi um homem idoso, parado com as mãos

cobertas por luvas sem dedos, unidas ao peito como uma súplica. Parecia um personagem de um conto de Victor Hugo ou de Goethe. Imaginei que ele me ofereceria fama e fortuna em troca da minha alma.

— Eu não lembro meu nome, nem onde moro. Só sei que estou andando há muitas horas e com bastante fome. Gostaria de saber se a senhora poderia pagar um sanduíche para mim.

Esqueci meus problemas. Ali estava alguém mais carente do que eu. Aquela figura de humildade e súplica pegou minha alma e a sacudiu para despertar.

— É claro — respondi sem hesitar. Achei que era uma boa desculpa para sair dali. — Vamos no meu carro.

Quando meti a chave na ignição, pensei: “Se o motor voltar a funcionar, devo ficar com medo?”

Uma pergunta retórica, com ironia e sarcasmo, que faz você, leitor, olhar pela janela da narrativa e nos ver em outro lugar, não muito longe da ponte.

O Café Mário abria cedo e, naquela hora, 7h28, estava quase vazio. Àquela altura, eu também estava com fome.

— O que o senhor deseja comer?

— Sanduíche de mortadela.

Fiz o pedido: duas xícaras de café com leite, pão com manteiga, geleia de morango, croissant e sanduíche de mortadela. Enquanto a atendente providenciava o repasto, perguntei:

— O senhor não lembra do seu nome? Aconteceu algum acidente?

— Não lembro nome, nem onde moro, nada.

Desisti de fazer perguntas que ele não iria se lembrar e, por isso, deixei para fazer novas tentativas depois do café da manhã.

Ele se aproveitou da minha generosidade para, distraidamente, comer também o meu croissant. Justifico para mim mesma que meu novo amigo, ao chegar, tirou o chapéu, foi à toalete despir as luvas e lavar as mãos. Deve ter

lavado o rosto também, que estava mais brilhante. Voltou com um leve odor de lavanda, sentou-se e comeu com a elegância e as maneiras de um aristocrata. Tentei imaginar quem ele era, sua idade e profissão. Devia ter mais de 60 anos; achei que fosse professor de matemática. Terminado o desjejum, convidei-o para nos sentarmos sob o gazebo, ao lado do prédio. A neblina ainda rolava pelas ruas e fachadas. Na linha do horizonte, os raios do sol tentavam romper a cortina densa.

— O senhor não tem nenhum documento? Nota fiscal, alguma receita médica nos bolsos?

O velhinho vasculhou os bolsos e me entregou um retângulo de papel dobrado. Desdobrei e li: “Eu e Outras Poesias”, Augusto dos Anjos, 840-31 P968n-2010. Trabalhei 10 anos com livros e imaginei que aquilo fosse anotação do catálogo de livros de uma biblioteca. Se ele retirava livros da biblioteca pública, deveria ter um cadastro dele com todos os seus dados.

Meu professor disse que um novo parágrafo é como um novo mirante de onde você vê a mesma paisagem sob um aspecto diferente.

Ler as poesias de Augusto dos Anjos não é fácil. Alguém disse que o livro é pedagógico sobre o leitor e seus processos mentais. Aquele senhor idoso sem memória não tinha, ou não teria, processo mental nenhum para ler aquele livro, pelo menos enquanto não se lembrasse quem era.

“Mas tu não vieste ver minha desgraça.

E eu saí como quem tudo repele

Velho caixão a carregar destroços

Levando apenas na tumba carcaça

O pergaminho singular da pele

E o chocalho fatídico dos ossos”.

— O senhor retira livros da biblioteca pública?

— Não sei, não lembro.

É claro, ele está desmemoriado, como vai se lembrar? O único jeito de saber é indo lá, na biblioteca.

— Vamos até a biblioteca, talvez eles o conheçam.

— Não quero dar trabalho para a senhora.

— Não é trabalho nenhum. Não tenho nada para fazer.

Quase que eu disse: “Só me atirar da ponte”.

Primeiro, eu tinha que ajudar aquela pobre alma. Talvez uma boa ação fosse meu bilhete para entrar no paraíso. Quando chegamos na biblioteca, encontramos um aviso na porta: “Atendimento, das 13h às 17h”. E agora, o que fazer? Esperar. Havia uma praça do outro lado e para lá fomos. O idoso caminhou ao meu lado, silencioso, sem fazer ruído, como se estivesse de pés descalços. Sentamo-nos num banco de madeira. Sombras moviam-se dentro da bruma. Vozes e ruídos de carros nas ruas aumentavam gradualmente.

Na universidade, eu saía da sala de aula e entrava na biblioteca. Quando me interessei pela literatura, comecei a ler autores brasileiros clássicos. A princípio, o que mais gostei foi da escrita de Guimarães Rosa, principalmente do conto “Sarapalha”, o modo como ele detalha o mato invadindo o povoado abandonado:

“As casas, sobradinho, capela, três vendinhas, o chalé e o cemitério e a rua, sozinha e comprida, que agora nem mais é uma estrada, de tanto que o mato a entupiu”.

E ele descreve o mato, cada um com seu nome, destaca os dois moradores que sofrem de malária e teimam em ficar naquela tapera velha.

“Os dois sentados num casco de cocho emborcado, guentando-se ao sol”.

(Conversam o tempo todo e quando um se cala o outro puxa assunto.)

— “Será que chove, primo?”

— “Capaz.”

— “Ind’hoje?”

— “Manhã.”

— “Chuva braba, de pouca?”

— “Às vez...”

— “Da banda de riba?”

— “De trás.”

Eles têm acessos de frio por causa da doença, e Guimarães Rosa mostra como a vegetação acompanha a tremedeira dos dois: “Estremecem as flores da aroeira, tremem os caules da erva-de-sapo, a erva-de-anum crispa as folhas, os ramos da vassourinha trepidam, tiritam a mamona, o açoita-cavalo derruba frutinhas fendilhadas, entrando em convulsões.”

Meu companheiro ao lado no banco permanecia calado. Resolvi, então, contar minha história: minha infância e adolescência no sertão, os estudos, a vinda para a cidade grande, a faculdade e mais estudos, meu casamento com Heinrich Waltz, a descoberta da amante dele, o desquite, as calúnias de um autor recalcado que não gostou da minha resenha

sobre o livro dele, as mentiras, as acusações de preconceito, o processo na justiça, a demissão do meu emprego. Tudo junto, ao mesmo tempo, sem vírgula, sem pausa para respirar.

Quando me calei, ele não fez nenhum comentário, não perguntou nada. Eu só queria desabafar, e ele escutou com atenção. Tudo bem.

Olhamos para a bruma, que se dissolvia. Prédios e pessoas tomavam forma. Era quase 10 horas da manhã.

— Estou lembrando do meu amigo sapateiro.

— Lembra do nome dele?

Ele baixou a cabeça, colocou a mão no queixo, pensou, e voltou a olhar para mim com os olhos brilhando.

— Carlitos. Ele me conhece. A loja dele fica aqui perto.

Levantou-se e começou a andar. Eu o segui, é claro. Atravessamos a praça, dobramos uma esquina e caminhamos duas quadras. Pensei em voltarmos para pegar o carro,

mas ele parou e olhou para um terreno baldio, coberto de entulhos entre dois edifícios.

— Era aqui a sapataria dele. Demoliram.

Baixou a cabeça, disse num tom triste: — O que foi feito do Carlitos?

Uma memória antiga, estacionada no tempo, sem atualização.

Lembrei-me de um vizinho chamado Laerte. A casa dele ficava ao lado da minha. Morava com a mãe, viúva, e trabalhava como mecânico de automóveis. Naquele tempo, eu era solteira e trabalhava numa padaria como balconista. Às vezes eu chegava em casa e ele estava sentado na varanda. Eu me sentava ao lado dele, e a gente conversava sobre o trabalho e a vida alheia. Tive que me mudar daquele bairro porque o aluguel da casa estava muito caro. Fiquei um tempo sem ver meu amigo. Depois de quase dois anos, por acaso, passando por aquela rua, descobri que a casa dele foi demolida. No lugar, tinha uma farmácia. Entrei, perguntei

sobre o Laerte e ninguém soube me dizer para onde ele foi, o que aconteceu com ele. Saí dali chorando. Dói, quando não se sabe o destino de quem se ama.

Voltamos à praça, depois fomos almoçar num restaurante ali perto e, às 13 horas, fomos para a biblioteca. Entramos assim que abriu. Ele sentou-se num banco, ficou folheando uma revista enquanto eu conversava com a atendente.

— A senhora conhece aquele homem sentado no banco?

— Sim, ele vem todo mês pegar um livro emprestado.

— Sabe o nome dele e onde mora? Acontece que ele diz que perdeu a memória, não se lembra do nome nem do endereço da casa dele.

— Só sei que se chama Vitório. Vou ver o cadastro dele.

A mulher consultou um fichário e anotou numa folha de papel o nome e o endereço onde o idoso morava: Vittorio Castellani Boaventura. Estrada da Pedreira, 1629, Morro Cambará. Agradei e

expliquei a ele o que tinha descoberto. Ele levantou-se lépido, satisfeito.

— O senhor quer retirar o livro? O de poesias?

— Não. Vou para casa descansar. Pode me dar uma carona?

Levamos 50 minutos para chegar ao local, uma estrada de terra, algumas moradias e campos a perder de vista. Parei o carro em frente ao número 1629, um sobrado antigo, amarelo-escuro, assentado no terreno mais alto. O sol nos espiava por entre nuvens. Da casa mais próxima, a brisa trouxe cheiro de pão recém-saído do forno. Lembrei-me de minha mãe, lavando as mãos sujas de massa na pia, a claridade do dia entrando pela janela, os fios de cabelo cor de cobre escapando do lenço quadriculado amarrado na cabeça. Aquele perfil sereno que sempre me transmitia proteção e segurança. Éramos pobres, mas nunca faltou comida.

— É aqui que o senhor mora?

Ele abriu o portão e começou a subir o caminho de pedras.

— É sim, agora me lembro. Vem, vamos entrar.

Parou na entrada da varanda, olhou ao redor, sorrindo.

— Estou lembrando de tudo.

A névoa da sua mente dissipou-se, abrindo as portas do palácio da memória. "Já posso ir embora", pensei.

Agachou-se, levantou um vaso de flores e pegou uma chave.

— Vem, vamos tomar um café.

Não pude recusar.

A decoração era simples, móveis antigos, mas bem conservados, alguns retratos emoldurados pelas paredes, bibelôs e uma cristaleira. Vitório pareceu rejuvenescer. Com agilidade, colocou água para ferver no fogão, abriu o armário.

— Eu vivo sozinho aqui. Não tenho filhos, mais ninguém. Estou precisando de uma cuidadora, e eu queria saber se você aceita cuidar de mim. Não vou dar trabalho, só esqueço das coisas de vez em quando.

Com o bule na mão, concluiu:

— Vamos tomar café, depois você me dá a resposta.

Eu ia dizer que precisava pensar primeiro, quando uma voz soou na porta dos fundos.

— Vitório! Eu vi que você chegou acompanhado e vim lhe trazer um pão para vocês tomarem café.

Gente! Era George Clooney! Como assim? Claro, sócia dele. Fiquei de pernas bambas e desconfortável, aquele homem lindo ali e eu sem maquiagem e fedendo a suor! Se bem que alguns homens gostam do cheiro natural da mulher. Quando Napoleão voltava para Paris, depois de uma campanha militar, ele mandou uma carta para Josefina pedindo para que ela não tomasse banho.

Vitório fez as apresentações. O nome dele era Ricardo Coutinho, advogado (veja só que coincidência), morador da casa vizinha. Era desquitado e morava com os pais e uma irmã.

Durante o café, conversamos sobre diversos assuntos. Contei meus problemas, e Ricardo ofereceu-se como advogado para me defender. Claro, aceitei.

Em certo momento, notei uma carteira de couro junto a um livro sobre uma cadeira de balanço. Deviam ser os documentos do Vitório. O livro era Dom Casmurro, de Machado de Assis. Lembrei-me de um trecho em que

ele descreve o alívio que vem após a tempestade:

“O que passou, passou; o mal que nos fizeram ou que cuidamos que nos fizeram não deve morder-nos a alma para sempre. Há uma doçura secreta em sentir que a tempestade se foi e o céu volta a clarear.”

O sol voltou a brilhar e a tarde rolou mansamente pelos campos afora.

A margem

Sentado à beira-mar

Numa cadeira sobre a areia

Eu tentava ler um livro

Na leitura me concentrar

Mas a mente sem rumo vagueia

Por outras esferas

Ouvindo cantos de sereia

Eco de outras Eras

Ao longe vejo um risco escuro

Um vulto tremeluzente

Que surgiu de repente

Miragem? Real?

Não estou seguro.

Talvez seja a dona de minha vida

Aquela do meu destino

Ao longe indefinida

Não dá para saber

Na margem a se mover

Sob o sol a pino

Nessa plena incerteza

Abro o livro, começo a ler.

Dalém do mar profundo

Na tempestade que rugia

Irrompem os Titãs irados

Lutando em altos brados

Sob a chuva que caía

Uma vaga violenta

Sobre a nau se arrebenta

Destraindo sem piedade

E acima do furor da tempestade

Um som horrível se ouvia

O som metálico, soturno.

Do tridente mortal de Netuno

Em meu ouvido sopra a Musa

E volto a olhar a sombra confusa

A obscura imagem
Que surgiu na paisagem

Agora vejo com mais clareza
O vulto encapuçado
Vejo agora que é ela
Implacável, determinada
Com certeza
Aquele a quem espero

Mas com seu andar cadenciado,
Ela passa reto ao meu lado
Segurando displicente
A FOICE iminente

Sorri e vai além
— Ainda não é hora.
Disse ela e foi embora.
O meu livro volto a ler.

Porto Alegre, 2008

A caravana, os cães, os lobos e as hienas

A caravana viaja

Um carroção atrás do outro

Junto seguem os cães

Os lobos espreitam

As hienas espiam

A caravana para

Os viajantes almoçam

Os cães comem as migalhas

Os lobos lambem os beiços

As hienas suspiram

A caravana descansa

Os viajantes dormem

Os lobos cercam

As hienas esperam

Os lobos atacam

Os cães ladram

E a caravana debanda

Os lobos rosnam

As hienas roem os ossos

E satisfeitas, riem...

Porto Alegre, 1980



Antonio S. Batista é natural de Canoas/RS. É autodidata. Viúvo. Mora com a filha em Canoas/RS. Aposentado, tem como passatempo escrever contos, poesias, crônicas. Participa de diversas antologias. Publica seus textos no site Recanto das Letras.



Beto
Ferreira

A resistência

— NÃO!

Téo partiu em disparada sem dar maiores explicações. As pessoas em volta pararam o que estavam fazendo para observar o garoto, sem entender aquele comportamento bizarro. Ana, que conversava com ele há alguns instantes, decidiu segui-lo.

— ESPERA! O que foi...?

Ele não deu ouvidos. As pessoas pulavam das calçadas, assustadas, enquanto Téo abria caminho. Ana mandou uma mensagem mental para ele, mas também não obteve resposta. Ela observou que ao final da rua subia uma fumaça escura, indicando um incêndio no bairro pobre. *Será que é a casa dele*, ela se perguntou.

Passaram correndo pela placa que marcava o fim do centro comercial. Ana nunca havia passado daquele ponto, porém confiava em Téo. Ele não a deixaria correr perigo naquelas ruas escuras e sujas, bem diferente da cidade bem

iluminada e limpa com a qual estava acostumada.

— Por aqui! — ele indicou, virando em um beco com vários latões de lixo transbordando de sacolas plásticas.

Ana o seguiu até uma porta que tinha um buraco no lugar da fechadura, por onde passava uma corrente presa por um cadeado. Quando Téo destrancou sua fechadura improvisada e abriu a porta, um pouco da fumaça escura veio na direção deles.

— É aqui que você mora? — ela perguntou, sentindo a garganta incomodada.

Téo não respondeu. Parecia procurar por algo específico, indo em direção a um dos cômodos. Ana procurou identificar a origem da fumaça, mas não encontrou. O calor parecia vir do teto. Resolveu seguir o garoto e deparou-se com um quarto entulhado de objetos. Havia inúmeras peças de roupa espalhadas por todo o lado, a

lâmpada estava conectada a um fio na tomada da parede, em vez de vir do teto, e, o que mais chamava a atenção, caixas e mais caixas empilhadas em todas as paredes. O cheiro de mofo empestevava o ambiente.

— Me ajuda aqui — disse ele, oferecendo uma das caixas para ela segurar.

Cada um saiu carregando uma caixa. Só quando voltaram ao beco Téo voltou a ter um semblante mais aliviado e começou a dar alguma explicação.

— A vizinha de cima sempre dorme com um cigarro aceso, botando fogo no próprio colchão. Mas às vezes ela esquece o cigarro e vai tomar banho. Nesses casos, forma aquela coluna de fumaça que vimos lá do comércio e, nos meus dias mais azarados, o fogo escorre do teto e atinge as minhas coisas embaixo. Já perdi boa parte do meu estoque assim.

— Estoque?

— Essas duas caixas são as últimas. Vamos sair daqui.

Téo conduziu Ana para fora do beco, voltando à rua principal do bairro. Ela olhava para todos os lados, observando o ambiente caótico de aspecto abandonado. Foi interrompida em seus pensamentos por ele.

— Eu sei que você está nos julgando, se perguntando como podemos viver assim.

Ela sentiu o rosto aquecer, sem graça, e se sentiu culpada pela exatidão de suas palavras.

— Não, eu... — tentava encontrar uma boa desculpa.

— Não é culpa sua. Faz parte da programação.

— Programação? Como assim? Eu não sou um robô!

— Olha — disse o garoto, apontando para o beco de onde saíram. Um grupo de pessoas se juntava para arrombar uma porta, enquanto outros desenrolavam uma mangueira particularmente comprida.

— Para além das nossas condições, nós temos aqui uma

comunidade. Eu te contei a situação da minha vizinha sem nunca ter entrado na casa dela. Assim como eu, aquelas pessoas também sabem que precisam invadir a casa dela e levar a mangueira para apagar o incêndio que ela causou acidentalmente.

— Mas os bombeiros não vão chegar a qualquer momento? — Ana questionou seguindo a lógica da sua realidade.

— Não estamos no centro comercial ou no seu bairro. O serviço público não chega aqui. Por isso temos que nos virar. Vamos.

Téo seguia por ruas estreitas, enquanto Ana ainda tentava processar tudo aquilo. Era um modo de viver bem diferente do que ela conhecia, parecia restrito a filmes antigos. O garoto só parou de andar quando as ruas acabaram e eles chegaram numa área aberta. Havia uma praça, claramente construída sem muitos recursos. Uma horta a um canto, com placas identificando os alimentos. Um parquinho com brinquedos para as crianças. Um campo de terra batida com duas traves

servindo de gol. E um espaço com bancos, onde Téo convidou Ana para se sentar.

— Você não fazia ideia, não é? De que tinha gente vivendo assim.

— Como eu não sabia de nada disso?! Me explica, Téo!

— É simples, na verdade. Sabe o chip de comunicação, que te ajuda a transcrever seus pensamentos direto para arquivos de texto?

— Claro. É a base do nosso sistema de comunicação.

— Pois bem. Esse mesmo chip, que revolucionou a comunicação deixando a escrita de textos ainda mais rápida e instantânea, foi o que condenou a nossa sociedade.

— Isso não está fazendo muito sentido, Téo.

— Para ter acesso aos serviços do chip, você teve que aceitar os termos de compromisso, certo? — ele continuou após ela confirmar com a cabeça — E por acaso você leu?

Mais uma vez ela sentiu o rosto aquecer, sem graça, e se sentiu culpada pela exatidão de suas palavras.

— Ninguém lê, na verdade. Mas todos deveriam. Ao concordar com os termos, você automaticamente aceitou que o chip tenha acesso aos seus pensamentos, para que possa fazer a transcrição de forma eficiente. É a base do serviço e o que possibilita a rapidez das mensagens.

— E o que tem de errado nisso?

— O problema é que o pensamento não é um objeto isolado para o chip acessar. Ele se forma no cérebro através das redes neurais. Os termos de compromisso liberam o acesso ao seu cérebro e, mais importante, permitem as “modificações necessárias” para o funcionamento do serviço. Eles passaram a controlar o seu comportamento, Ana.

— Você está dizendo que eu não sou eu mesma?

— Estou dizendo que você não é quem poderia ser. Você consegue ir ao cinema sem querer comprar

uma pipoca? Pedir um salgado sem querer um refrigerante gelado para acompanhar? Passar dois finais de semana sem querer ir ao shopping “passear”, olhando para lojas que só querem te vender coisas? O chip é patrocinado, Ana. As empresas pagam para que a propaganda seja embutida diretamente nos seus neurônios. Você segue um padrão de comportamento que é conduzido pelas grandes corporações. Como eu disse, não é culpa sua.

Ana deu alguns passos para trás, impactada pelas revelações de Téó. Seus argumentos faziam sentido, porém, ainda assim, pareciam mais teoria da conspiração do que algo real. Ela então se deu conta de que um ponto não foi explicado.

— E o que isso tudo tem a ver com a diferença entre os nossos modos de vida? Por que vocês vivem em condições tão... diferentes?

— Provavelmente foi um efeito colateral inesperado, mas se tornou útil para moldar a sociedade que eles queriam. A ideia do

serviço era melhorar a comunicação, agilizando o processo de escrita ao torná-lo uma transcrição instantânea e direta dos seus pensamentos, certo? De fato, o que você pensa é automaticamente enviado como mensagem para quem você quiser.

— Sim, economiza muito tempo. A gente não precisa pensar para escrever.

— Esse é o ponto. Esse serviço eliminou o tempo de pensar antes de enviar uma mensagem. Sem refletir sobre o que está escrevendo, você envia mensagens sem filtro e sem apuro. O que você envia pode não passar exatamente a mensagem que você queria, no fim das contas. Da mesma forma, você também entende o que quiser do que recebe. Não há comunicação real. E você se acostumou a não pensar. Por isso, quando você protestou dizendo que não é um robô, quase não segurei o riso.

Mais uma vez Ana deu alguns passos para trás, impactada. Não tinha como contra-argumentar. Forçava seu cérebro para compreender o panorama do que lhe

estava sendo revelado. Então, novamente, uma dúvida surgiu.

— Você tem usado bastante a palavra *você*. Você aceitou, você fez, você isso, você aquilo... Não seria *nós*?

— O serviço de comunicação é grátis, mas o chip e a sua instalação não. Nós aqui do bairro estamos excluídos do sistema, por isso conseguimos enxergar o mecanismo que faz a roda girar. Somos os vírus nessa programação e, pior, somos tratados como tal. A falta de condição digna de vida é proposital para nos eliminar. O bombeiro, os serviços de entrega, a ambulância, nada disso chega até nós. Aliás, foi engraçado você sugerir o uso da palavra *nós*. Pensa no quanto a sua vida é individualizada, no quanto o seu dia a dia é voltado para você mesma. Nós aqui temos que cuidar uns dos outros, porque ninguém mais fará isso.

Ana se sentia tonta, fraca, suja, derrotada. O mundo era muito maior e mais cruel do que imaginava. Olhou novamente ao redor, tentando enxergar aquele lugar

pela primeira vez de novo, sem comparar com o que conhecia como padrão. A praça onde estava, a horta, o parquinho, o campo de futebol amador, tudo aquilo era fruto do esforço coletivo daquelas pessoas. Sem elas não teria nada, o poder público não forneceria, as empresas não se interessariam em patrocinar ou investir. A garota sentiu como se tivesse amadurecido dez anos em dez minutos.

— Como você sabe exatamente o que e como eu penso?

— Eu já tive um chip ativo também.

Essa informação fez imediatamente Ana se sentir animada. Havia esperança para ela mudar então. E se ela poderia, todos poderiam.

— E como você...

Téo apontou para as caixas que eles resgataram do seu quarto. Abriu a tampa de uma delas, revelando o tesouro em seu interior. Resmas e mais resmas de papel, além de algumas caixas de lápis e caneta.

— A melhor forma de resistir à programação é começar a pensar por conta própria. Sentar, pensar, colocar suas ideias no papel, refletir sobre o que escreveu, filtrar, reescrever. Enfim, assumir o controle sobre seu próprio pensamento.

— Então... escrever é um ato de resistência.

Téo sorriu e afirmou:

— Esse sim é um pensamento que você poderia transcrever instantaneamente para o mundo sem problema.



Beto Ferreira é professor de história da rede pública, músico amador, poeta desde a infância, leitor desde sempre, pai de dois meninos e agora escritor aventureiro selecionado para algumas antologias.



*Celuta
Machado*

Dicionário singular

ABÓBORA

O tabuleiro reluzia de forma extraordinária, invocando a ideia de perfeição. A potente coloração adquiria um ar elegante e translúcido, graças à fina espessura da névoa branca de cal. As filas dispostas com capricho exaltavam a equanimidade geométrica de cada pedaço de doce. Ficavam ali o dia todo se expondo ao sol até adquirir a textura imaginada pelo seu criador. Só então ocorria a transmigração da abóbora plantada em nosso quintal para o infinito prazer da devoração.

AMORAS

Amoras são sempre vermelhas, profundas, densas e ácidas. Sua doçura não é óbvia, somos nós que as adoçamos com as lembranças da primeira mordida naqueles frutos pequenos e estranhos, que se parecem com taturanas. Amoras são, também, explosivas. Mal terminamos a primeira mordida e já sentimos minúsculos coágulos

invadirem os nossos sentidos, para se dissolverem num leve amargor. Fechamos os olhos e nos entregamos a esse rio vermelho em movimento, que vai varrendo nossa consciência, deixando-nos à mercê do acaso como um cão sem dono. Imagens muito remotas surgem desse espaço imenso e rubro. Reconheço a infância.

Amoras queimam não a nossa pele mas o nosso coração vermelho e transbordante, pura emoção. São como sangramentos da vida silvestre que sobrou dentro de nós. Talvez por isso não devam ser devoradas a qualquer hora. Morreríamos de hemorragia.

AMORES PERFEITOS

Amores perfeitos existem e são, quase sempre, desconcertantes. Por influência do nome, parecem definitivos. São invernais, profundos, emblemáticos e suas pétalas aveludadas nunca perdem a

sobriedade. Sensíveis à luz e à temperatura, não vivem muito e podem provocar melancolia. Espécie nascida selvagem, pequena, rasteira, adaptada a lugares abandonados e isolados, o amor só é perfeito por ser imune a condições inóspitas, ao solo ácido. Sua beleza é triste, a sua exuberância é aparente. A perfeição não condiz com a sua natureza. É apenas uma invenção necessária.

BISCOITOS DA SORTE

Eu gosto de palavras, gosto de tê-las perto de mim. São como biscoitos da sorte: nos surpreendem, sacodem a nossa imaginação, mas nem sempre o que dizem tem algum valor. É assim com as palavras que deixamos escapar nas despedidas, já sabemos de antemão que são suicidas: juras

quebradas não sobrevivem, se perdem no naufrágio da paixão.

Existem, também, palavras que surgem de onde menos se espera, escapam de nossas bocas, flutuam no ambiente e nos conduzem para lugares indesejados. Mal terminamos de falar e percebemos nessas palavras um excesso capaz de gerar algum desmoronamento. O abalo talvez possa ser pequeno, mas não queremos arriscar, tentamos contê-lo aparando as arestas dos verbos, reduzindo a pó alguns adjetivos. O tempo, porém, não volta atrás: o estrago foi feito. Aquela palavra que deveria ter permanecido calada será a única sobrevivente. Tudo mais do que foi dito será esquecido. A avalanche passará mas não sem deixar vestígios. Um ou dois adjetivos ficarão cravados para sempre no suplício do silêncio.

Minha vizinha

A velha senhora que mora em cima da sapataria, vestida sempre de preto, é árabe. Ela vagueia pela casa sempre murmurando em língua estrangeira sons que podem ser de uma prece ou de um profundo lamento, não consigo precisar, pois sempre andam juntos nessa casa, no mesmo compasso pesaroso que faz o assoalho estalar noite e dia, gemidos do cedro ceifado em plena vida.

A senhora árabe nunca me dirigiu a palavra. Não vejo o que se passa naquela casa, mas seus impropérios chegam aos meus ouvidos e trazem consigo o cheiro refrescante da hortelã, misturado ao amargor de uma existência desterrada. Amálgama acre da memória. Nada se sabe do seu passado, apenas o que está ali, presente em sua pele, na forma de símbolos esgarçados.

A velha senhora árabe sempre vestida de preto tem os braços cobertos de tatuagens e posso imaginar aquele coração flechado em

seu antebraço, de um anil desbotado, se agitando no ar enquanto ela afasta as moscas da sua cozinha, como se fossem aparições nascidas do oceano profundo, guardião do seu luto. Sua história é a única herança que trouxe consigo e não lhe tem sido de muita serventia. Os vizinhos não a visitam e ela quase não sai de casa. Água e azeite não se misturam. Não há ouvintes para quem vive no desterro de si mesmo e tem algo de sinistro, algo de sangue e areia impregnado no olhar, corante como uma cimitarra.

Posso imaginá-la na escuridão da sua vida, arrastando o seu corpo pesado e já quase decrépito pelos cômodos vazios da casa, sentando-se numa velha poltrona, o olhar fixo no teto, aguardando que o sol negro da sua melancolia derreta a argamassa que sustenta o telhado e possa, então, reencontrar a si mesma, a salvo, em sua tenda estendida numa noite quase eterna e deserta.



Celuta Machado mora em Florianópolis e acredita que esta escolha foi gerada, inconscientemente, por uma alegoria geográfica, expressa por Barbara Cassin: Em sua finitude, uma ilha é um ponto de vista sobre o mundo.



Débora
Camila
Brasil

A gramática da queda

Eu aprendi a cair antes de saber o nome das coisas.

Não foi uma queda só. Foram várias, pequenas, quase discretas, dessas que ninguém percebe porque não fazem barulho. Uma porta que não se abriu. Um telefonema que não veio. Uma notícia recebida na cozinha, enquanto a água do café começava a ferver.

Naquele dia, lembro de ter desligado o fogo antes de terminar de ouvir.

Depois, fiquei alguns minutos diante da pia, olhando a água escorrer pelo ralo.

Não chorei.

Há quedas que começam assim: com a gente em pé, fazendo alguma coisa banal, enquanto, por dentro, alguma estrutura muda de lugar.

O chão, descobri, tinha um método próprio comigo. Não exatamente de quebrar, mas de ensinar

sem explicar. Lembro-me mais do que ficava suspenso depois do impacto do que do impacto em si. O corpo sempre encontra algum modo de negociar com a gravidade.

Durante um tempo, eu acordava como quem tenta alcançar um degrau que foi retirado durante a noite.

A vida continuava.

O café precisava ser passado. As mensagens continuavam chegando. Havia roupa no varal, contas sobre a mesa, compromissos marcados para a tarde. O mundo tinha a delicadeza cruel de não interromper seu funcionamento porque alguma coisa dentro de mim havia parado.

Eu fazia tudo. Só não sabia mais onde colocar aquilo que tinha acontecido.

Foi então que entendi que algumas dores não ocupam espaço

como os móveis. Elas ocupam os intervalos.

Entre uma palavra e outra.

Entre o sono e o despertar.

Entre a mão que pega o telefone e a coragem de olhar a tela.

Ninguém fala muito sobre esse tipo de aprendizagem: a que não vira história para contar. O que chamamos de superação quase sempre chega depois, já domesticado em fotografia, legenda e retrospectiva.

Antes disso, existe um território mais áspero.

Nada se resolve. Algumas coisas apenas encontram outro lugar dentro da gente.

Um telefonema não atendido pode virar ausência.

Uma mensagem que não nasce pode reorganizar o gesto da mão.

Depois de certas ausências, até uma cadeira parece ocupar espaço demais.

Foi assim que comecei a perceber que cair não era um acidente isolado.

Era uma gramática.

E eu ainda tropeçava nos verbos.

Durante muito tempo, achei que me recuperar significaria voltar ao lugar de antes, como se houvesse uma versão de mim esperando, intacta, do outro lado daquilo tudo.

Não havia.

Há dias em que isso retorna sem contorno. Não é tristeza. Não é força. É o corpo lembrando de uma mulher que eu já não sou, mas que ele ainda reconhece pelo peso.

Nesses dias, pequenas coisas conseguem alterar o eixo.

A luz entra torta pela janela, como se errasse o caminho da parede.

Alguém pergunta como estou e, pela primeira vez, não tenta consertar a resposta.

Uma xícara permanece inteira depois de escorregar da minha mão.

Nada disso melhora a vida, mas interrompe, por um instante, a forma como ela me empurra.

Talvez seja isso que ninguém conte sobre continuar.

Não existe um momento exato em que a gente se levanta e percebe que venceu.

Às vezes, apenas percebemos que já não estamos caindo para o mesmo lugar.

Demorei para entender que voar não era o contrário de cair.

Era apenas uma falha mais alta no mesmo mecanismo.

Não existe linha reta entre o chão e o alto. Existe um instante em que o corpo perde a autorização de interpretar o próprio peso como destino.

Nenhum aviso.

Nenhuma linguagem.

Só uma breve interrupção naquilo que sustenta tudo.

O mundo esquecendo, por um instante, o próprio ofício de segurar.

E então acontece quase nada.

Uma manhã qualquer.

O café esfria na xícara.

A luz atravessa a janela.

O telefone permanece em silêncio.

E, ainda assim, alguma coisa em mim não espera mais que ele toque.

É pequeno.

Quase invisível.

Mas é ali que percebo: não deixei de cair.

Apenas aprendi a não cair no mesmo lugar.

E talvez seja isso que chamamos de voo.



Débora Camila Brasil é nascida em Belém/PA, foi criada em Brasília/DF. É Servidora Pública Federal, Escritora e Taróloga. Integra coletivos literários e revistas digitais, e, em 2026, participa de mais de 100 antologias com lançamentos na FLIP e na Bienal Internacional do Livro de São Paulo.



Farlley
Derze

A boneca

Tinha os olhos pintados de azul, o pescoço esbelto, os braços esguios, os cabelos presos num penteado que o tempo não desmanchava, o vestido bordado que a irmã escolhera com o cuidado de quem escolhe um nome. Desde que ganhara aquele presente no aniversário de seis anos, a boneca dormia todas as noites abraçada ao corpo pequeno da irmã. E era para aquele rosto de porcelana que o rapaz adolescente olhava, escondido.

Havia aprendido que homem não chora, brinca de carrinho, futebol e banguê-banguê. E que deve gostar de meninas. Mas, na hora de dormir, viajava para o mundo daquela boneca que sua irmã abraçava na cama. A boneca vivia uma vida sem as fatias do tempo, sem passado nem futuro. Com certeza, aceitaria um abraço seu.

A luz tênue do abajur dava vida à boneca. E, de algum modo, a ele também.

Certa noite, ou melhor, ontem à noite, ele viu a boneca cair no chão quando sua irmã virou-se para o lado, puxando o cobertor. Ela balbuciou palavras incompreensíveis e aquietou-se com o rosto virado para a parede.

O irmão se levantou e tirou a boneca do chão. Um olho dela fechou; o outro ficou aberto.

Ele cochichou:

— Quer conversar?

O olho que estava fechado se abriu.

Aquilo era um sim.

O rapaz sorriu. Segurava a boneca como se ela fosse um pote de cristal e sua alma estivesse guardada lá dentro.

Deitou-se em sua cama e colocou-a sentada sobre o peito.

— O que tu farias — perguntou à boneca — se soubesses que um astrônomo anônimo esconde as

estrelas que vê no céu? Que um marinheiro se esconde num submarino que ninguém sabe onde está? Que um mágico faz um truque sem plateia?

A boneca o olhava.

Era o bastante. Agora eram confidentes. O rapaz então sussurrou:

— Você está em paz, não é?

Ela respondeu com o azul dos olhos que parecia guardar céus que mais ninguém enxergava; seus braços não pareciam galhos de inverno, mas um convite para um abraço. O rapaz trouxe o rosto da boneca ao encontro do seu, e confidenciou:

— Eu vivo como um relógio sem ponteiros, uma música sem ouvintes, uma esperança sem gratidão. Não sei qual é meu lugar no mundo.

A boneca respondeu:

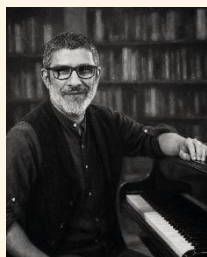
— A gente está onde o coração está. Os sentimentos não são fantasia. Cada olhar tem suas próprias estrelas, cada mar guarda seus submarinos, e até um mágico precisa de um espelho para não desaparecer.

Ele agradeceu erguendo-a no ar.

Olharam-se.

Ela, com seu sorriso de fábrica.

Ele, com lágrimas de esperança.



Farley Derze é pós-doutor em Estética e Semiótica, pianista premiado em Dubai e membro da Academia de Letras e Música do Brasil. Seu nome consta no Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira. Autor de dezenas de livros, seus textos e composições exploram as sutilezas da existência numa linguagem que transita entre a música e a palavra.



*Harley
Doakes*

Eu tenho a crença de que...

Eu tenho a crença de que serei incapaz de entender o mundo de seu próprio jeito,

Eu tenho a crença de que não serei o que eu quero,

Eu tenho a crença de que serei o que eu quero,

Eu tenho a crença de que o ser humano é a pior coisa desse mundo,

Eu tenho a crença de que o ser humano é uma das bênçãos mais únicas já criadas,

Eu tenho a crença de que a vida é algo sem sentido e inexplicável,

Eu tenho a crença de que a vida possui mil e uma explicações,

Eu tenho a crença de que queremos ser efêmeros, extinguíveis,

Eu tenho a crença de que estamos em todo lugar desse mundo e criamos cada marca de que estávamos aqui pois queremos ser lembrados, ter a nossa existência reconhecida por querermos ser eternos,

Eu tenho a crença de que sou incapaz demais só por nascer como nasci,

Eu tenho a crença de que sou mais do que capaz só por nascer como nasci,

Eu tenho a crença de que viverei o amor da sua forma mais cruel,

Eu tenho a crença de que viverei o amor da sua forma mais pura,

Eu tenho a crença de que eu entendo o mundo mais do que ninguém.

Harley Doakes nasceu em Cachoeiro de Itapemirim, no dia 14 de dezembro de 2009. Artista, adolescente e autista, dedica-se com afinho aos projetos que lhe são mais queridos. Gosta de música, desenho, pintura, jogos, filmes e séries.



Heloísa
Ramos

O pacto

Em meio às lápides, procuro teu nome.

Na penumbra, escuto alguém chamar.

São vozes que ecoam pela escuridão,

degustando o gosto do teu nome

em lábios pálidos.

Fantasmas sussurram meu nome

enquanto procuro tua lápide.

O medo parece ter fome,

quer devorar cada parte

Com os lábios pálidos, clamo por você:

Saia da terra e revise este mundo.

Só mais uma vez,

deixe-me te ver.

Sangrei sobre o teu túmulo,

promessa feita em agonia.

Na penumbra sem fim,
entreguei meu sangue
para ter você aqui.

Um pacto selado com as sombras,
fantasmas como testemunhas do sobrenatural.

Os mortos riem.

Outro túmulo se abre
com a data atual.

No desespero da saudade,
fiz promessas perigosas.
Agora pagarei o preço.

A morte nunca devolve ninguém de graça.



Heloísa Ramos é uma escritora iniciante. Apaixonada pela escrita, encontrou na poesia sua forma preferida de trazer os sentimentos para o mundo.



Jairo V
Santiago

Palavras

Desliza uma esfera, espalhando tinta
Que se transforma em palavras e frases
O escritor é um escultor moldando
O pensamento em todas as fases.

Com os olhos fixos na folha em branco,
Transforma o que vê neste momento.
Alegria ou angústia, também outros conflitos
Influenciam sempre o seu intento.

Ao seu dispor, recordações e novas visões,
Sempre encontra bom argumento.
O que não pode é ficar sem sentido,
Pois lhe é angústia e tormento.

Como água, flui a sua inspiração
Quando é pura a sua intenção:
Alegrar-se por trazer alento
A quem sufoca em sofrimento.

Alegria

Ah, a alegria de um dia de chuva,
a ausência de um estado festivo
de gritos eufóricos!

Ah, a alegria de uma leveza,
a presença de uma saudade
de dias menos pesados!

Preciso da certeza
de que não está distante
o que vivo a procurar.

Ah, a tristeza de uma alegria cega
nestas ruas, nestes rostos em branco.
Olhares não notam os corpos inertes.

Na ausência de respostas, viram as costas.
Na ansiedade, tudo invertem, investem e perdem tudo.
E, num último recurso, a alma se protege num escudo.



Jairo Viana Santiago (pseudônimo Jairo V Santiago) nasceu em Canoas, Rio Grande do Sul. Licenciado em Letras: Inglês e Português. Trabalhou com tradução, ensino de inglês e participou de trabalho humanitário como voluntário em várias regiões do Brasil. Autor do e-book *Vida e Poesia: Poemas e Reflexões*.



*Jaquelyne
Silva*

Volta para casa

Contando os nós da corda, é possível esquecer o passado.

É possível prever o futuro.

Com a fumaça do cachimbo, quem está pedindo acha, quem está ferido se cura.

Não sei quando eu passei a ter medo do povo da encruzilhada.

Se da calunga vêm meus anjos, se na calunga é minha casa.

A noite sempre foi a guardiã do dia.

A noite sempre foi mãe da madrugada.

Batendo palmas sete vezes, é possível acender a fogueira.

É possível fazer a vela chorar.

Com o vinho e a cachaça, se roda e se gira.

Não sei quando eu comecei a temer a chuva e a ventania.

A chuva sempre foi vida.

O vento sempre foi memória.

Contando o medo e as heresias é possível mudar os sentidos.

É possível fazer o sagrado ser temido.

Com mentiras se desfazerem os ritos e se quebrar o alquidar.

Não sei quando voltei para casa, o terreiro é o lugar onde a fé mora.

O tambor tem que voltar a bater.

A gira tem que voltar a girar.

Afinal, não importa o tamanho dos desvios, o povo sempre volta.

Volta o tambor, volta a cura das ervas sagradas.

Se refaz a reza, se jogam as cartas, se acende a vela e o povo da encruzilhada sempre volta.



Jaquelyne Silva é mulher, autista e ativista pelos direitos das pessoas com deficiência. Amante de boas histórias, encontra na paixão pela escrita o combustível para viver cada dia e transformar a vida em algo tão belo quanto a poesia.



*Mariângela
Borba*

Tríptico loucura

Para minha irmã Rachel Angélica

I — QUADRO ABSTRATO

Bela, inatingível.

Estranhamente confusa,
abstrata, amorfa.

Um ponto negro, jogado ao fundo
de uma tela transbordante de cores:
cores berrantes,
belas,
vivas.

Sem forma nenhuma,
sem vida nenhuma
e, ainda assim, estranhamente bela
na tela cheia de tons que falam dela...
do desespero íntimo,
do medo terrível,
da solidão infiltrante,

de um ponto negro, dissonante,
a esconder a morte lenta
aproximando-se do belo.

Na galeria deserta,
onde nada mais respira,
encontrei somente
razões perdidas.

II — DIA DE VISITA

Dentro de um olhar parado, vazio,
uma entrega translúcida
naquele verde outrora vivo, marcado, desbotado.

Cabelos outrora sedosos emolduram, em óleo, a pele gasta.
Tão bela mulher fora.
Saudades do que não viveu, em tristeza enlutada.

Sob as mãos frias,
feroz súplica:
mãos pedintes de salvação.

Da boca, nada.

Apenas o silêncio mortal
a estremecer o ar,
presença indiferente a perturbar.

Quisera calar teu pranto calado,
acolhê-la em meus braços
na alquimia dos afagos que desaguam.

Inatingível presença.

Corpo a perder-se
na caricatura do que fora um dia,
a aprisionar-se nas grades do chão.

Chão de passos lentos que norteiam a saída,
a carregar o fardo deste mundo insano
que apagou o verde do teu olhar.

III — CURA

Quero buscar, nas profundezas de uma existência,
o segredo dos mistérios.

Justificar atitudes que, em minha consciência,
tornam-se irracionais.

Perscrutar o emaranhado
de uma mente doentia
e me perder numa aparente loucura,
provando o fel dessa existência obscura.

Vagar por espaços longínquos,
sentindo a dor de um choque insulínico
e viver a ilusão do anonimato.

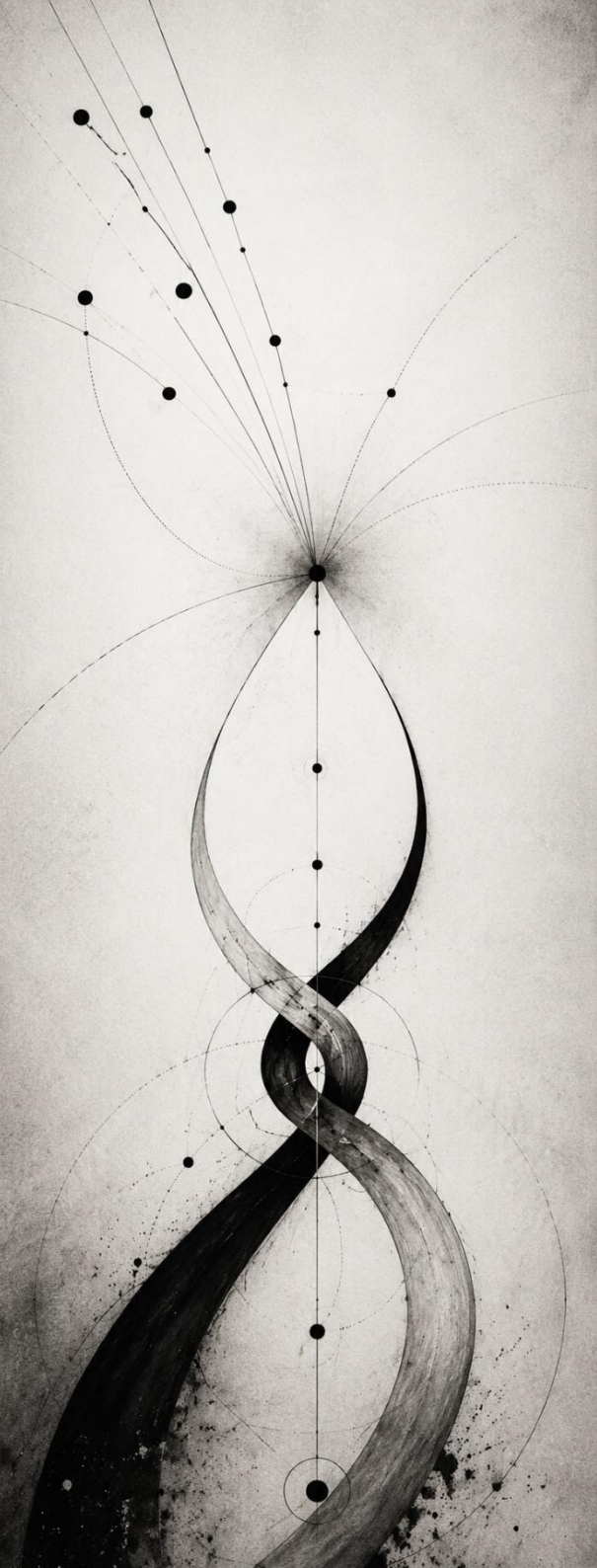
Nesse infinitivo do querer...
aguço sensações e ouço
cochichos sarcásticos:
— Tenho pena das penas,
a rasgar a camisa de força que aprisiona.

Querência de estender as mãos,
sentindo os corredores da vida
e ofertar a um amigo.

Querência de querer fazer sonoterapia
e, no sintoma do despertar,
obter a razão,
nem que seja por um dia.



Mariângela Borba Santos é poeta e escritora, membro da Academia Conquistense de Letras, Vitória da Conquista/BA. Atuou como professora de Literatura na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB, onde se aposentou. Publicou artigos acadêmicos e participou de antologias literárias. Autora de livros de poesia, entre eles *Fragmentos do Ser* e *Recolhas – Instantes Poéticos* (no prelo), desenvolve uma escrita de viés intimista, com temas ligados à memória, identidade e condição humana.



Matheus Ariete

Poemas concretos

Repasse

PASSO O PONTO.

POSSO A PONTO.

POSSA O PONTO.

AO PONTO.

Cortesia



Matheus Ariete é escritor e poeta. Publicou, pela Ipezinho, o livro infantil *A Ostra e o Astro* (2024); pela Caravana Editorial, a coletânea *Ao fim, era só poesia mesmo...* (2025); e, pela Opera Editorial, *Disparos ao léu* (2026). Escreve no Medium.



*Paulo
Nascimento
Guerra*

O guarda-livros

Marcel Proust passou quarenta e dois anos a somar a vida dos outros.

Chegava ao escritório às oito e meia, pendurava o chapéu no terceiro cabide e abria o livro-caixa na página onde o deixara na véspera. À sua frente, duas colunas esperavam que ele corrigisse o mundo.

De um lado, o que entrava.

Do outro, o que saía.

No fim, tudo devia coincidir.

Marcel era bom a fazer coincidir as coisas.

Encontrava um cêntimo perdido entre milhares de francos. Descobria uma despesa lançada no mês errado. Reconhecia, pela inclinação de um algarismo, qual dos empregados alterara uma conta depois de fechada.

Uma vez, no processo de indenização de um incêndio que destruíra a casa de uma família em

Auteuil, coube-lhe somar o valor da perda: móveis, tectos, uma escada de carvalho, um cão que morrera preso no quintal e cujo valor ninguém sabia bem como lançar em nenhuma coluna.

Fez as contas duas vezes. A soma fechava.

Na margem do processo, sem perceber bem porquê, escreveu: *Uma casa não arde só em madeira. Arde também nos anos de quem lá cresceu, e esses não se avaliam por metro quadrado.*

Ficou a olhar para a frase durante mais tempo do que costumava dedicar a qualquer erro.

Depois, por baixo, escreveu, em letra mais pequena e mais direita: *Nota para verificação: valor estimado sujeito a peritagem.*

Arquivou o processo. Nunca mais lhe pegou.

Durante quarenta e dois anos, registou compras, vendas, heranças,

falências e mortes. A morte, para efeitos contabilísticos, era apenas uma alteração de titularidade.

Às vezes, junto ao nome de um cliente falecido, Marcel demorava a pousar a caneta.

Depois traçava uma linha.

Era o que se fazia às coisas que já não continuavam.

Aos domingos, Marcel pintava.

Ninguém no escritório sabia. Nem sequer a senhoria, que atribuía o cheiro a óleo e terebintina a algum remédio para os pulmões. Ele guardava os pincéis num armário que fechava à chave, como quem esconde uma dívida.

Tentava, há muitos anos, o mesmo quadro: um caminho que se dividia junto de uma casa de pedra. Um lado ia para a sombra de um bosque. O outro, para um campo aberto onde a luz não parecia ter fim. Nunca escolhera qual dos dois pintaria primeiro, e por isso, ao fim de tantos domingos, o quadro continuava com a bifurcação por decidir — dois

caminhos esboçados a carvão, nenhum deles cor.

Era um lugar real. Ficava perto da casa onde passara as férias em criança, e para onde nunca mais voltara depois de a família vender a propriedade.

Sempre que tentava pintar a luz sobre um dos caminhos, lembrava-se da mãe à porta do quarto.

Não do beijo. Da espera.

Da maneira como o corpo de uma criança consegue acreditar que alguns minutos são uma forma de abandono.

Julgava que lhe faltava talento para reproduzir aquela luz específica de fim de tarde. Não lhe ocorria que o que queria guardar não era a paisagem. Era o tempo que existira dentro dela.

Uma tarde, mergulhou uma madalena no chá. Ao levá-la à boca, teve a impressão de que alguma coisa muito antiga acabava de abrir uma porta dentro dele.

O telefone tocou no escritório ao lado.

Quando voltou a prestar atenção, restava apenas o sabor.

O quadro continuava sem cor nos dois caminhos.

Foi por volta dessa altura que reparou, pela primeira vez, que dizia "um dia" com menos convicção do que antes. Não foi um pensamento. Foi mais parecido com o frio que se sente antes de saber que se está constipado: uma alteração pequena, quase administrativa, num homem habituado a notar alterações pequenas.

Adoeceu aos sessenta e três anos, de uma maneira que os médicos descreveram com palavras cautelosas. Deixou de subir as escadas do escritório sem parar a meio. Depois das quatro da tarde, já não conseguia segurar a caneta com o pulso quieto. Foi por essas perdas concretas, uma a uma, e não por nenhuma frase que alguém lhe tivesse dito, que percebeu que o corpo tinha começado a fechar as próprias contas.

Passou a viver num quarto com as cortinas quase sempre corridas. Não por escuridão, dizia, mas porque a luz de fora lhe parecia agora pertencer a outra pessoa.

O quadro veio com ele, mas ficou voltado para a parede. Às vezes, durante a noite, Marcel pensava nos dois caminhos que continuavam do outro lado da tela. Nenhum deles tinha avançado na sua ausência.

Na última noite, pediu que lhe trouxessem o livro-caixa do escritório. Insistiu, contra o parecer do médico, que precisava de fechar as contas do trimestre antes que outra pessoa o fizesse por ele, sem o mesmo cuidado.

Reviu as colunas à luz de um candeeiro. Encontrou, como sempre, um erro pequeno. Corrigiu-o. Conferiu de novo. A soma fechava.

Na última página do último livro-caixa, depois de conferir pela terceira vez uma soma que já sabia estar certa, Marcel escreveu uma frase que não pertencia a nenhuma conta.

Ficou muito tempo a olhar para
ela.

Depois riscou-a.

Era assim que corrigia os erros.

Segunda mão

O livro não se lembra dos nomes.
Lembra-se do peso das mãos.

Chegou a uma livraria de Coimbra em 1962, com a lombada ainda rija e o cheiro de cola fresca, empilhado entre outros exemplares iguais que foram vendidos primeiro — os que ficavam à mostra na montra, virados para a rua, iam sempre antes dos que ficavam atrás. Este ficou atrás. Ninguém o comprou nesse ano. Nem no seguinte. Por vezes uma mão pegava nele, lia a badana, e devolvia-o ao lugar com o gesto de quem adia, não de quem recusa.

Em 1964, uma rapariga de dezanove anos levou-o para casa dentro de uma pasta de estudante, entre um caderno de Direito e um guarda-chuva que nunca chegou a precisar. Escreveu o seu nome na guarda, com uma caligrafia redonda que ainda não tinha decidido como havia de ser quando fosse adulta. Por baixo, a data. Por baixo da data, um pequeno risco, como quem hesita entre

assinar um livro ou assinar uma promessa.

Lia-o no comboio, entre Coimbra e uma cidade mais pequena onde a família vivia, uma vez por mês. Sublinhou uma frase sobre a mãe, a tinta azul, com um traço que tremia ligeiramente a meio — talvez o balanço do vagão, talvez outra coisa. Ao lado, na margem, começou a escrever uma palavra e desistiu a meio, deixando apenas um risco que podia ter sido um "s" ou um "t" ou nada.

Nunca voltou a pegar-lhe depois daquela viagem. Casou no ano seguinte, mudou de cidade, e o livro ficou numa caixa de mudança que ninguém se deu ao trabalho de abrir durante muito tempo. O marcador — um bilhete de eléctrico, já sem data legível — ficou ali, entre a página quarenta e três e a quarenta e quatro, durante onze anos, a marcar um lugar a que ninguém regressou.

Em 1975 o livro mudou de casa. Não sabemos como. Talvez uma mudança, uma separação, uma herança — os livros não distinguem estas coisas, sabem apenas que, de um dia para o outro, o cheiro do móvel onde vivem é diferente, e que as vozes do lado de fora da capa já não são as mesmas.

O novo dono era um homem que trabalhava longe de casa a maior parte do ano. Não sublinhou nada. Escreveu, na página de rosto, um número de telefone com um indicativo que hoje já não existe, e ao lado três letras que podiam ser as iniciais de um nome, ou de uma morada, ou de uma pessoa a quem prometera escrever e talvez nunca tenha escrito. A letra é apressada, escrita de pé, provavelmente ao telefone, com o livro na mão só porque era a coisa mais próxima onde apontar.

Chegou também às quarenta e três páginas. Parou exactamente no mesmo sítio, sem saber que outra pessoa, onze anos antes, tinha parado ali também.

Não há data para a flor.

Alguém, nalgum ponto entre um dono e o seguinte, colocou uma flor entre as páginas oitenta e oitenta e um — hoje apenas uma sombra achatada, da cor do chá muito claro, em forma que já não se distingue com certeza: talvez um malmequer, talvez uma violeta que nunca foi bem prensada e por isso se desfez de mais.

Ninguém parece ter posto ali a flor a propósito de guardar a página. Está demasiado longe da marca de leitura de qualquer um dos donos conhecidos, num capítulo que, a avaliar pelo estado das margens, ninguém leu com atenção. Talvez tenha caído de outro livro, ao acaso, durante uma mudança de estante. Talvez alguém a tenha colhido num dia certo, e o livro seja apenas o objecto mais próximo, o único que estava aberto na altura, e a flor tenha ficado ali por esquecimento e não por escolha.

É, de todo o volume, a única marca que não pertence a nenhum dos donos que podemos nomear. E é, também por isso, a

mais antiga tristeza que o livro carrega: a de um gesto de amor, ou de memória, do qual já ninguém se lembra o motivo.

Em 1991, um homem já de meia-idade comprou-o numa feira de velharias, por curiosidade mais do que por vontade de o ler — tinha ouvido falar da tal frase da infância, da mãe, do beijo que não chega, e queria, disse à mulher, "ver aquilo que toda a gente cita sem ter lido".

Leu devagar, nas noites em que não conseguia dormir, o que ultimamente acontecia com frequência. Sublinhou, a lápis, uma frase muito próxima daquela que a rapariga de 1964 sublinhara a tinta azul, vinte e sete anos antes, sem que um soubesse da existência do outro. Por baixo, escreveu uma palavra. Só uma. A letra é insegura — mais insegura do que a do resto das suas anotações, que noutras páginas, mais à frente, é firme e clara.

Foi operado nesse Inverno. Recuperou, ou disse que sim. O livro voltou à estante, desta vez com um marcador definitivo: um

recibo de farmácia, dobrado ao meio, que nunca mais foi retirado.

Também ele parou por volta da página quarenta e três.

O livro foi vendido num alfarrebista em Lisboa, em 2003, entre uma pilha de manuais escolares e um dicionário sem capa, por um preço que não cobria sequer o que custara em 1962. O alfarrebista, um homem cansado que folheava tudo antes de pôr preço, reparou na flor prensada, ergueu-a à luz por um segundo, e voltou a fechá-la entre as páginas, sem comentário, como quem devolve a alguém uma carta que não era sua para ler.

Foi comprado por acaso, por alguém que procurava outra coisa numa prateleira ao lado, e que, ao folhear este à pressa antes de pagar, não reparou na flor, nem no número de telefone extinto, nem nos dois sublinhados quase sobrepostos, com vinte e sete anos de intervalo, na mesma frase, um a tinta azul e outro a lápis já apagado a meio.

Levou-o para casa dentro de um saco de plástico, ao lado de um pão e de uma revista. Não sabemos se o leu. Sabemos apenas que, um dia, o pousou numa estante, ao lado de outros livros que também ninguém tinha a certeza de ter terminado.

O livro não sabe que página é a página quarenta e três. Não sabe o que lá está escrito, nem em que língua foi primeiro pensado antes de ser traduzido para esta que os seus donos liam. Sabe apenas que é ali que as mãos, uma após outra, ao longo de mais de quarenta anos, sem nunca se cruzarem, sem nunca saberem umas das outras, começam a hesitar — que é sempre um pouco antes desse ponto que o peso de uma mão se torna mais lento, como quem se aproxima de uma porta fechada e ainda não decidiu se vai bater.



Paulo Nascimento Guerra é escritor, fotógrafo e empresário português. Autor de *O Vendedor de Lágrimas*, *Vida* e *O Lugar do Som*, encontra na palavra e na imagem formas de interrogar a memória, a ausência e a condição humana.

Ninguém que tenha pegado neste livro chegou a saber dos outros. Não sabem da rapariga no comboio, nem do homem que trabalhava longe, nem da flor sem dono, nem da noite de Inverno antes da operação.

Nenhum soube que estava, nesse instante exacto, a fazer exactamente o que os outros tinham feito antes: a parar diante da mesma frase, da mesma página, da mesma despedida nocturna que nenhum deles foi capaz de atravessar — como se o livro, mais do que contar uma infância, estivesse simplesmente a perguntar, a cada mão que o segurava, se também ela sabia o que era esperar por um beijo que talvez não chegasse.



*Paulo Renato
de Faria*

Transeunte

Pessoas passando por mim

E não sei sua história

Quantos mundos circulam

E não posso senti-los...

O poeta presente

enxurradas de memórias.

Já mergulhei em Macunaíma,

Nadei junto a botos

no entardecer amazônico

em êxtase contemplativo.

No caracol mítico da baba azul

misturei Tropicália e Bossa,

Parintins e Sapucaí

E transfigurado saí

do Último Azul sonhado.

Espreguicei nas veredas,
Angústias troquei com Graciliano.
E se cada corpo caminhando
Transborda-me em epifania
É porque de tanto sentir
a marca virou símbolo.

E-go away

Pergunta errada, sinapses em pane.

Enganos, mente cansada,

tropeços, confusão.

A mente mente...

E somente assim se reorganiza,

abre-se, aprende.

“E-go away, bye bye!”

Dança dos sentimentos,

emoções à flor da pele.

O que sabemos dos símbolos?

Que histórias se escondem

por trás de cada existência?

Por que nos gravamos em

cheiros, sabores, destinos,

coincidências e desatinos?

A realidade, o chão,
o risco, a aventura,
recomeços...
viagens ao nada
para tudo alcançar.

Sentidos aguçados

O que sinto por você
mistura minhas vias,
cruza meus portos seguros,
intenso e suave...

É tão aguçado
que a boca sente o seu cheiro,
meus olhos te saboreiam,
minha mão a vê dedilhando,
e eu ouço mil gostos.

Você desperta em mim
um mundo sem fronteiras,
onde cada sentido se entrega
ao outro.

E eu me entrego ao turbilhão,
lanço-me às labaredas,
em terras longínquas congelo,
enquanto os raios me partem...



Paulo Renato de Faria é um poeta belga-brasileiro que transforma o cotidiano urbano em epifanias alimentadas por clássicos da literatura e tradições. Diante das crises e da vulnerabilidade da mente, sua poesia busca a desconstrução do ego para recomeçar e abraçar os riscos da existência. Seus afetos entregam-se a um sentir puro e sinestésico.



Sheila Regina
Sarra

Vida dupla

Depois do desaparecimento de Luís, muitos fatos incomuns sobre a sua vida começaram a ser descobertos. Eram peças de um quebra-cabeça complexo que nunca se desvendou por completo. Até hoje, boa parte de sua história ainda permanece sob uma densa névoa, revelada apenas por indícios isolados.

No primeiro dia de outubro, Luís não retornou do trabalho. Saía habitualmente às dezoito horas de seu emprego em uma loja de eletrônicos e, meia hora depois, cruzava calado a porta da frente da casa dos pais. Ia direto para o quarto e lá permanecia recluso até o jantar. Como mantinha a porta do quarto permanentemente fechada e não fazia ruído, era difícil notar sua ausência.

Acostumada com seu jeito pouco comunicativo, a família só percebeu o sumiço quando se deparou com a cadeira vazia na mesa de jantar. A pedido da mãe, Rodrigo, o caçula, foi até o quarto e viu que

estava vazio. O celular de Luís, no entanto, havia sido deixado sobre a cabeceira da cama. Sem saber o que fazer, iniciaram a refeição, julgando que ele chegaria mais tarde.

A hora de dormir já se aproximava sem notícias de Luís. Todos procuravam, de alguma forma, disfarçar a impaciência, olhando os celulares ou fingindo ler um livro. O pai permanecia impassível em sua poltrona, mantendo os olhos fechados e o corpo relaxado como se estivesse cochilando. O silêncio reinava na casa até que Cláudia, a mãe, decidiu fazer um telefonema. Por alguns segundos, os filhos pensaram que ela acionaria a polícia, mas ela apenas avisava uma amiga que já havia reservado os ingressos para o cinema do final de semana.

Ao se retirarem para os quartos, a mãe comentou, casualmente, que ele deveria ter saído com alguns colegas, sem conseguir avisar pelo esquecimento do celular. Os olhares de dúvida logo se tornaram

evidentes, mas os filhos preferiram silenciar. Luís viajava às vezes, mas sempre arrumava um jeito de avisar — recados breves, deixados de passagem, informando apenas que se ausentaria por uns dias. Nunca explicava o destino, tampouco dava abertura para perguntas.

O dia amanheceu e o quarto de Luís continuava intacto. Enquanto os pais discutiam o que fazer durante o café da manhã, os irmãos foram vasculhar o cômodo. No armário, encontraram apenas roupas amarrotadas e amontoadas com desleixo, alguns pares de tênis e várias camisetas com desenhos e logotipos peculiares. Pareciam símbolos utilizados para identificar o pertencimento a um grupo específico. Na gaveta da mesa de cabeceira, encontraram um pequeno caderno com anotações de caráter bem enigmático. Eram frases que pareciam formar uma lista de tarefas a serem cumpridas:

— Comprar quatro pistolas Glock pelas rotas de tráfico;

— Planejar o ataque ao grupo inimigo e o saque dos depósitos de armamentos;

— Roubar viaturas e arsenais da polícia;

— Estabelecer as escalas de plantão para a proteção dos novos armamentos.

Estarrecidos com a descoberta, os irmãos não sabiam o que fazer. A ideia de entregar o caderno aos pais foi descartada de imediato, pois poderia desencadear uma reação descontrolada, escalando a crise familiar. O mais novo, então, propôs escondê-lo em seu próprio quarto até que a situação ficasse mais clara. Enquanto deixavam o aposento do irmão, ouviram a voz da mãe anunciando que ela e o pai iriam à loja de eletrônicos a fim de indagar se sabiam de algo.

No entanto, as conversas no trabalho de Luís logo se mostraram infrutíferas. Os colegas evitavam fazer comentários a seu respeito e respondiam às perguntas de forma esquiva e imprecisa. Davam a impressão de usar frases

prontas e mecânicas, com o único intuito de preencher o silêncio e se livrar logo do casal. Sem alternativas, os pais foram à delegacia de polícia para registrar o desaparecimento. Naquela mesma tarde, enquanto os jovens estavam na escola, uma viatura policial foi à residência para fazer uma revista geral em busca de provas que pudessem elucidar o caso. Em poucos minutos, os investigadores encontraram o caderno no quarto do caçula.

Quando os irmãos voltaram, depararam-se com uma grande confusão. Um investigador interrogava o pai, enquanto a mãe, em prantos, discava freneticamente para advogados. Em meio às lágrimas, mal conseguia se concentrar e errava com frequência os números. Não parava de pensar que, de um momento para o outro, tinha um filho desaparecido e outro sob investigação policial.

As explicações do caçula não pareceram convencer os policiais. Quando a família se preparava para ser conduzida à delegacia, Luís surgiu repentinamente com seu ar alienado, como se nada

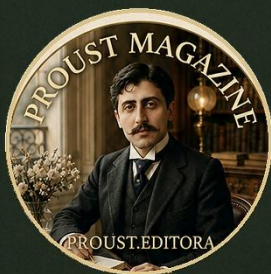
tivesse ocorrido. Em poucos minutos, no entanto, tudo ficou claro. Pressionado pelos policiais e pelo desespero da mãe, o jovem acabou contando a verdade. Revelou que participava de jogos virtuais de simulação de vida em uma comunidade fechada. Eles jogavam pelo computador e, também, se reuniam presencialmente em salas fechadas para encenarem seus avatares. Assumiu que o caderno era seu, mas continha apenas os planos de seu avatar. Embora citasse crimes, argumentou que eram apenas uma ficção. Não caberia investigá-los pois não pertenciam ao mundo real. Defendeu seu direito à fantasia. Confessou que seu dia a dia era muito insípido e desmotivante, e que não aguentaria prosseguir nesse marasmo se não tivesse seu avatar. Era a válvula de escape que o devolia à vida.

Ninguém conseguiu retrucar. A perícia examinou o computador e confirmou a veracidade das informações. Os policiais se retiraram e o caso foi arquivado. Na sala, o silêncio voltou a reinar, pairando no ar uma pergunta: Quem

realmente é Luís e por quanto tempo a família teria que suportar sua vida dupla?



Sheila Regina Sarra é médica formada pela FMUSP e arquiteta e urbanista com pós-graduação na FAUUSP. Publicou os livros “Quando a tempestade chegar” pela Editora Urutau, “Sobre as Asas da Andorinha” pela Ases da Literatura e “O Enigma” pela Litteralux.



“Os belos livros são escritos
numa espécie de
língua estrangeira.”

MARCEL PROUST
CONTRE SAINTE-BEUVE



www.proustmagazine.org



[@proust.editora](https://www.instagram.com/proust.editora)